

A DIMENSÃO GEOPOLÍTICA DA EXPERIÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DURANTE A RESTAURAÇÃO MEIJI (1868-1912)¹

Eduardo Crespo²

Marcus Cardoso Santiago³

Numa Mazat⁴

RESUMO

O período de industrialização acelerada do Japão conhecido como Restauração Meiji (1868-1912) é geralmente explicado pela literatura heterodoxa como o resultado de fenômenos internos. Porém, elementos geopolíticos desempenharam um papel fundamental na implementação do novo modelo de desenvolvimento japonês. Neste sentido, a decadência da China e do resto da Ásia no mesmo período raramente é analisada conjuntamente com o sucesso japonês. A Restauração Meiji e o fracasso chinês devem ser considerados como diferentes respostas aos avanços e humilhações impostas pelas potências ocidentais. Entre estas se destacam as guerras do ópio na China e os tratados desiguais de comércio, impostos a vários países asiáticos, como ao Japão, após a chegada do comandante Perry nas costas nipônicas. Confrontada com a expansão ocidental na Ásia Oriental, a modernização impulsionada pela Restauração Meiji refletia a necessidade de preservar a segurança nacional, e era um pré-requisito para o país participar na competição imperialista pelo controle da Ásia. Nesse sentido, a aliança anglo-japonesa, assinada em 1902, visava proteger e expandir os benefícios econômicos mútuos e desempenhou um papel fundamental para o desenvolvimento japonês no início do século XX. Na China, ao contrário, a somatória de conflitos internos e agressões externas impediu uma evolução equivalente. **Palavras-chave:** Japão. Restauração Meiji. Grande Jogo. Imperialismo.

¹ Os autores gostariam de agradecer pareceristas anônimos por suas valiosas observações.

² Professor adjunto (UFRJ). Membro do Grupo de Economia Política. Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional (PEPI/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: ecres70@yahoo.com.ar

³ Economista, BNDES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: marcussan22@yahoo.com

⁴ Professor adjunto (IE/UFRJ). Membro do Grupo de Economia Política. Professor do Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional (PEPI/UFRJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: numamazat@ie.ufrj.br

INTRODUÇÃO

No final do século XIX, tanto no Japão quanto na China, imperava entre as elites dominantes a idéia de que se deveria enriquecer o país para fortalecer a defesa da nação. O desenvolvimento das riquezas materiais era visto como uma condição imprescindível para garantir a unidade nacional e preservar a existência de ambos os Impérios milenários frente à crescente agressão ocidental.

Contudo, se ambos os países reconheceram esta verdade, por que os resultados no Japão e na China foram tão diferentes? Por que um país que sempre integrou a periferia da China, como o Japão, foi bem sucedido no seu processo de desenvolvimento, e a própria China, o 'Império do Centro', a civilização que por séculos foi a mais rica em termos materiais e culturais acabou finalmente no caos, em uma desagregação nacional e em um contínuo estado de guerra civil que perdurou por mais de um século? Ou, em outros termos, por que o centro da 'economia mundo' asiática precisou de mais de um século para iniciar aquilo que o Japão conseguiu em poucos anos?

Estas perguntas nas últimas décadas vêm sendo levantadas por historiadores, economistas especializados em desenvolvimento e especialistas em relações internacionais. A resposta talvez não possa ser desenvolvida nas dimensões de um artigo. Entretanto, para nos aproximarmos de uma explicação satisfatória é necessário estudar a história da Ásia a partir de uma perspectiva internacional e sistêmica e não exclusivamente nacional. Para se entender a diferente evolução destes Impérios, deve ser estudada a forma como as agressões e desafios ocidentais impactaram e/ou foram aproveitados em ambas as sociedades. Além disso, é imprescindível entender o papel que desempenhou no Japão, ao contrário da China, a concentração do poder nas mãos de um Estado nacional unificado e expansivo fruto de uma revolução.

Para tratar do tema, além desta introdução e da seção de conclusão, o artigo está dividido em cinco seções. Na primeira seção, apresentamos uma breve descrição das condições geopolíticas asiáticas do século XIX, e analisamos a forma como estas condições impactaram o Japão e a China. Na segunda seção, avaliamos as respostas destes países aos desafios tanto internos quanto externos. Na terceira seção, realizamos uma breve apresentação da macroeconomia na era Meiji. Na quarta seção,

oferecemos uma resumida apresentação das finanças asiáticas da era Meiji e das condições que permitiram a entrada do Japão no padrão ouro-libra esterlina. Na quinta seção, discutimos o contexto geopolítico da Aliança Anglo-Japonesa e seu impacto na economia e no projeto expansivo japonês.

BREVE RESENHA SOBRE A GEOPOLÍTICA ASIÁTICA DO SÉCULO XIX

AS GUERRAS DO ÓPIO NA CHINA

O avanço das potências ocidentais sobre a Ásia teve dois acontecimentos fundamentais, a saber: a conquista da Índia pela Grã Bretanha na segunda metade do século XVIII e o avanço da Rússia sobre o sul, o oeste e o centro da Ásia na virada para o século XIX. A partir destes fatos, os principais Estados ocidentais da época começaram uma corrida pelo controle do continente. O principal episódio desta história na Ásia foi a Primeira Guerra do Ópio entre a Grã Bretanha e a China. Esta última, até então um Império intocável para as potências ocidentais, era historicamente o centro político, militar e comercial da região asiática e uma sociedade relativamente fechada aos estrangeiros e por isto hostil a manter relações comerciais com estes. Os ingleses e holandeses, por exemplo, tinham tentado várias vezes estabelecer relações comerciais com o Império Chinês, porém sem sucesso⁵. Até a entrada do ópio na China, o balanço comercial chinês com a Grã Bretanha era superavitário por conta da difusão do consumo de chá na população inglesa. Por sua vez, a Grã Bretanha sofria uma crescente concorrência dos comerciantes chineses no mercado de algodão.

Este cenário começa a ser alterado a partir do início do século XIX, quando os ingleses passam a promover o contrabando nas regiões litorais da China para expandir suas exportações, em especial aquelas vindas da sua colônia indiana. Assim, o saldo comercial da Grã Bretanha com a China somente foi revertido nas primeiras décadas do século XIX com as exportações de ópio a partir da Índia. O superávit chinês virou déficit por conta do contrabando e implicou em uma grave drenagem de prata para o Império Chinês. Na década de 1830, a venda de ópio na China estava crescendo a passos largos. O produto, que era inicialmente usado para fins

⁵ Somente a cidade de Macau mantinha-se aberta ao comércio com os portugueses com a permissão do Império desde o século XVI.

medicinais, passou a ser consumido largamente como infusão estimulante para os trabalhadores da cultura do arroz e fundamentalmente como entorpecente. A difusão deste consumo já estava produzindo sérios prejuízos na saúde de uma parte grande da população. Estima-se que 12 milhões de chineses se viciaram em ópio. Mais tarde estas atividades vão ser de fundamental importância para o fechamento do balanço de pagamentos inglês e para a manutenção do padrão ouro-libra (DE CECCO, 1974). A tabela 1 apresenta a evolução das exportações britânicas de ópio para a China.

Tabela 1: Vendas Inglesas de Ópio para China

ANO	Numero de Caixas*
1720	200
1750	600
1773	1000
1790	4054
1800	4570
1810	4968
1816	5106
1823	7082
1828	13131
1832	23570

Fonte: SPENCE (1995).

Para operacionalizar seus negócios, os contrabandistas ingleses subornavam a população local incluindo mandarins das zonas litorais. Perante esta situação, em 1839 o imperador chinês ordenou a prisão de numerosos traficantes ingleses e estabeleceu medidas severas contra o contrabando de ópio, confiscando toda a mercadoria encontrada. Como resposta, os ingleses bombardearam a cidade de Cantão (Guangzhou).

*Cada Caixa continha de 60 a 72 kg.

Esse confronto armado ficou conhecido como a Primeira Guerra do Ópio e se estendeu até 1842.

Logo após a derrota na Primeira Guerra do Ópio, a China foi obrigada a assinar o Tratado de Nanquim (1842), pelo qual teve que abrir cinco portos ao comércio com os europeus: Cantão, Fuzhou, Xiamen, Ningbo e Shangai. Além destas concessões, o país foi obrigado a ceder a ilha de Hong Kong para a Grã Bretanha e o governo teve que indenizar aos britânicos pelo ópio confiscado em Cantão e pelas despesas dos combates. Todos os prisioneiros britânicos foram libertados. Também foi acordado que os ingleses desfrutariam na China do status de nação mais favorecida e do privilégio da extraterritorialidade, pelo qual os cidadãos britânicos ficavam sob jurisdição consular, i.e., por cima das leis chinesas. No plano econômico, foi fixado um teto para as taxas alfandegárias para um conjunto de produtos (SENISE, 2008).

A Segunda Guerra do Ópio (1856-1860) foi originada por um conflito entre as autoridades locais de Cantão e comerciantes ingleses, motivado pela prática da pirataria de ópio. Este episódio resultou em um confronto diplomático e no bombardeio de Cantão. O parlamento britânico enviou uma expedição para a China, a qual foi respaldada por outra da França, que ordenou o envio de uma frota a pretexto do assassinato de um missionário francês na província de Guangxi. A força anglo-francesa capturou Mingchen em 1857, Taku e Tianjin em 1858.

A dinastia chinesa não teve alternativa a não ser aceitar os termos impostos pela Grã-Bretanha e França no Tratado de Tientsin (1858) ratificado na Convenção de Pequim em 1860, o qual impunha o pagamento de reparações de guerra; a residência de diplomatas estrangeiros em Pequim; o direito dos estrangeiros de viajarem no interior do país, a abertura do Rio Yangtze à navegação estrangeira e de dez novos portos para o comércio e a residência dos estrangeiros; o direito dos missionários cristãos de propagar a sua religião; a completa legalização para as importações de ópio e a emigração de mão de obra chinesa em condições quase servis (o chamado de sistema coolie trade)⁶ (ZHANG, 2008).

O papel dos EUA e da Rússia na Segunda Guerra do Ópio é mais ambíguo. Os dois países foram solicitados pela Grã-Bretanha e pela França

⁶ A China continuou sofrendo este tipo de humilhação durante quase todo o século seguinte. Pouco tempo depois se adicionaram as agressões japonesas. O Japão teve uma breve ocupação da ilha de Taiwan já em 1874. Os russos, por sua vez, ocuparam o vale do rio Lli em Sinkiang (1871-81) na fronteira a noroeste da China. Paulatinamente, a China foi ficando quase dividida em áreas de influência estrangeira.

para integrar a aliança mas, apesar de longas tratativas marcadas por reviravoltas, acabaram não se envolvendo militarmente ao lado da força anglo-francesa e permaneceram neutros. Porém, russos e norte-americanos mantiveram emissários em Pequim ao longo da Segunda Guerra do Ópio e usaram contra a China a ameaça de uma possível entrada no conflito para obter privilégios semelhantes aos beligerantes (WONG, 2002).

A CHEGADA DO COMANDANTE PERRY AO JAPÃO

Como a China, o Japão mantinha-se isolado desde a consolidação do Shogunato Tokugawa⁷ no início do século XVII. Nesse período, o Japão proibiu o comércio com os estrangeiros com a exceção dos holandeses e dos chineses que podiam comercializar a partir do porto de Nagasaki. A economia japonesa era essencialmente fechada, concentrada na agricultura e nas atividades têxteis, especialmente nos produtos de seda.

O avanço ocidental sobre o Japão foi liderado pelos Estados Unidos⁸. O episódio fundamental nesta história foi a viagem realizada pelo Comandante Perry partindo dos Estados Unidos com cinco embarcações de guerra modernas, equipadas de uma tecnologia desconhecida para os japoneses da época, e que alcançaram a costa japonesa nas proximidades de Edo (atual Tóquio). Para demonstrar o poder da frota norte-americana, Perry ordenou o ataque e a destruição de várias construções no porto, fato que aterrorizou aos japoneses da época. Depois do ataque, Perry entregou aos japoneses uma carta do presidente Millard Fillmore na qual convidava 'gentilmente' o Japão a estabelecer relações comerciais e diplomáticas com os Estados Unidos. Por conta do poder de coação das embarcações, o Japão se viu obrigado a assinar o Tratado de Kanagawa em 1854. Este tratado impôs ao Japão: (i) tarifas de importação fixas e baixas para os Estados Unidos; (ii) o direito de extraterritorialidade; e (iii) um tratado de nação mais favorecida aos EUA perante às demais nas suas relações comerciais com o Japão. Estas medidas se inspiraram naquelas adotadas pelos ingleses na China após a Primeira Guerra do Ópio. Pouco tempo depois da

⁷ O Tokugawa Bakufu (conhecido também como Edo bakufu - bakufu é o termo japonês para o regime xogunato) foi uma ditadura militar feudal estabelecida no Japão em 1603 por Tokugawa Ieyasu e governada pelos shoguns da família Tokugawa até 1868. Esse período foi conhecido como Período Edo, numa referência a capital do shogunato Tokugawa, Edo, hoje Tóquio. O shogunato Tokugawa reinou no castelo de Edo até a Restauração Meiji.

⁸ A Rússia, uns meses antes da chegada dos norte-americanos e conhecendo os planos do comandante Perry, já estava planejando sua entrada no Japão. Contudo, foram estes últimos os primeiros a abrir o Japão para o ocidente.

assinatura deste tratado, o Japão também assinou tratados equivalentes com a Holanda, a Rússia, a Grã Bretanha e a França. Assim, o país acabou abrindo seus portos e se submetendo às condições desiguais impostas pelas potências ocidentais.

O GRANDE JOGO⁹ (O TORNEIO DAS SOMBRAS¹⁰)

A disputa imperialista no oriente da Ásia tinha como pano de fundo o chamado “Grande Jogo” (The Great Game) que se desenvolvia em toda a região da Eurásia desde finais do século XVIII. Os principais oponentes deste ‘jogo’ eram dois impérios em expansão: o Britânico e a Rússia Czarista:

“British and Russian [...], during their Great Game [...] became locked in a geopolitical game of pushing territorial advances into areas traditionally recognized as lands of dependent states of the Persian Empire. These Anglo-Russian territorial contests eventually settled the political geography of South, Central, and West Asia in its present form” (MOJTAHED-ZADEH, 2004, p. 6).

A Grã Bretanha tinha avançado na região asiática mediante uma paulatina conquista da Índia, a “jóia da coroa britânica”. Por sua vez, o império russo avançou durante todo este período sobre a Ásia central. A disputa foi desenvolvida em um cenário favorável para ambas as potências porque coincidiu com a longa decadência de três grandes impérios do passado: o otomano, o persa e o chinês. Assim, tanto as Guerras do Ópio na China, quanto a chegada do comandante Perry ao Japão, coincidiram com uma forte concorrência entre os países ocidentais pelo controle da região. A chegada dos EUA ao Japão não deve ser entendida como um movimento isolado deste novo poder imperialista. Este avanço estava associado ou, pelo menos, não se contrapunha à hegemonia britânica na região.

Os principais objetivos dos ingleses na Ásia era proteger suas conquistas na Índia e manter a sua hegemonia naval. Mas, para isso, devia conter o avanço russo sobre o sul da Ásia. Por sua vez, a Rússia

⁹ A expressão “Grande Jogo” foi popularizada no Reino Unido por Rudyard Kipling no seu livro “Kim”, publicado em 1901.

¹⁰ Esta era a forma que os russos denominavam aquilo que os ingleses chamavam o “Grande Jogo”.

conquistava territórios e procurava obter uma saída para um porto de águas quentes. Neste contexto, durante todo o século XIX, se sucedeu uma série de conflitos na Ásia que tinham a Grã Bretanha e a Rússia como seus protagonistas e instigadores principais.

No final do século XVIII, durante o reinado de czarina Catarina II, a Rússia iniciou um crescente avanço sobre a região do Cáucaso, nos litorais dos mares Negro e Cáspio¹¹. Em 1801, o reino de Geórgia, de população majoritariamente cristã ortodoxa, foi formalmente anexado ao império. Isto gerou uma crescente tensão com o Império Persa que acabou provocando duas guerras de 1804 até 1813 e de 1826 até 1828. Pela primeira, concluída logo após a assinatura do Tratado de Gulistan (1812), a Rússia obteve o território de Daguestão e o norte do atual Azerbaijão. Como consequência da segunda, e da assinatura do Tratado de Turkamanchay (1828), a Rússia obteve parte do atual território da Armênia e o sul do atual Azerbaijão.

Talvez o principal inimigo do Império Russo durante sua fase expansiva tinha sido o Império Otomano, com o qual manteve uma contínua hostilidade durante todo esse período. Desde Pedro o Grande até a queda da dinastia dos Romanov em 1917, estes impérios mantiveram um total de dez guerras: 1695-1696, 1711, 1735-1739, 1768-1774, 1787-1792, 1806-1812, 1828-1829¹², 1854-1856, 1877-1878¹³, 1914-1918. Além das diferenças religiosas e da proteção que o Império Russo procurava oferecer às populações cristãs ortodoxas que habitavam o Império Otomano, durante o século XVIII o motivo central destes enfrentamentos era o controle do litoral do Mar Negro começando pela Criméia. No século XIX, adicionaram-se as disputas pela hegemonia sobre a região dos Bálcãs, o Meio Oriente, pelo acesso ao Mediterrâneo a partir dos estreitos turcos e o controle sobre a região do Cáucaso (MENNING, 2004). O principal enfrentamento, em relação ao Grande Jogo, foi a guerra da Criméia (1854-1856), na qual a Rússia enfrentou ao Império Otomano, mas também a Grã Bretanha, França, e o reino de Sardenha. Nessa guerra, finalizada com o tratado de Paris assinado em 1856, a Rússia perdeu a possibilidade de entrar ao Mediterrâneo pelos estreitos turcos.

¹¹ Região que hoje ocupam os Estados de Geórgia, Armênia e Azerbaijão.

¹² Por meio desta guerra, os russos tiveram uma ativa participação, junto a franceses e ingleses, na independência da Grécia do Império Otomano reconhecida no tratado de Adrianópolis em 1829 (KOLIOPOULOS & VEREMIS, 2010).

¹³ Por meio desta guerra, a Rússia retirou a Bulgária dos otomanos com o reconhecimento da independência dos búlgaros em 1896.

Depois da derrota na Criméia, a partir de 1859, a Rússia orientou sua política em direção a Ásia Central, voltando a recuperar o Daguestão¹⁴ e conquistando as regiões de população majoritariamente muçulmana da Tchetchênia e Avaria, logo após varias décadas de guerras de baixa intensidade com os khanatos¹⁵ locais. A partir de 1865, o Império também começou a avançar na área do Turquistão¹⁶ tentando frear a influência britânica na região (BAUMANN, 2004). Em 1888, a Rússia concluiu a construção da Ferrovia Centro Asiática que conectava o litoral do mar Cáspio a Samarkand, logo estendida até Tashkent¹⁷.

Em 1891, como parte de um plano de industrialização, a Rússia começou a construção da ferrovia transiberiana, uma obra monumental que uniria Moscou com Vladivostok e que aceleraria a capacidade do país de mobilizar tropas no extremo oriente para um eventual ataque nas regiões asiáticas e que almejava chegar até portos de água quente do oceano Pacífico. Além disso, a ferrovia também tinha por objetivo promover a penetração da Rússia no norte da China. Esta ferrovia iria ligar a Rússia Européia à China, ao Mar do Japão e à Mongólia. O seu plano de financiamento fora originalmente aprovado pelo Czar Alexandre II em 1855 logo após a derrota na Criméia.

À medida que os russos avançavam para o Sul da Ásia, os oficiais coloniais britânicos temiam que a jóia da coroa, i.e., a Índia¹⁸, pudesse cair nas mãos russas. Foi nesse contexto que os ingleses tentaram converter o Afeganistão em um estado tampão com o intuito de frear o avanço russo proveniente do norte. O mesmo papel iria desempenhar o Tibet. Neste período, a Grã Bretanha manteve três guerras com o Afeganistão com desastrosas conseqüências para os britânicos. Na primeira (1838-1842), a Companhia das Índias Orientais invadiu o país e ocupou Kabul em 1839. Os britânicos devolveram o poder ao deposto Emir Shah Shuja-ul-Mulk favorável aos interesses britânicos. Contudo, não puderam manter o controle do território, sofreram muitas baixas, e logo após a retirada das tropas britânicas, se instalou no poder o Dost Muhammad Khan, um

¹⁴ A região tinha-se revelado mediante uma prolongada guerra de guerrilhas contra o império russo e temporariamente fugiu de seu controle.

¹⁵ O título de Khan refere a reis ou chefes tribais das regiões que tinham sido controladas pelos mongóis.

¹⁶ Região que compreende os atuais estados de Uzbequistão, Tadjiquistão, Quirguistão, Turquemenistão, sul de Cazaquistão, e a região Xinjiang no atual território chinês.

¹⁷ Cidades que se encontram no atual Uzbequistão.

¹⁸ A conquista da Índia começa em 1757, mas formalmente se torna uma colônia britânica somente em 1858 logo após a derrota da rebelião Sepoy.

Emir favorável aos russos. Na segunda guerra (1878-1880, os britânicos novamente invadiram o Afeganistão e conseguiram garantir a sua influência no país ficando com o controle das relações exteriores e estabelecendo um representante permanente do Império Britânico em Kabul¹⁹ (FREMONT-BARNES, 2009).

Igualmente, as ambições da Grã Bretanha relativas ao império Persa tinham por objetivo garantir as rotas comerciais que passavam pela Índia. Assim, os ingleses invadiram o território persa duas vezes para prevenir o avanço dos persas para regiões próximas da Índia e acabar com as pretensões dos persas sobre Herat, no oeste do atual Afeganistão. No Tratado de Paris (1857), a Pérsia foi obrigada a reconhecer Herat como parte do território do Afeganistão.

A Grã Bretanha manteve uma relação 'protetora' com o Império Otomano durante quase todo o século XIX, já que os ingleses suspeitavam que o crescente enfraquecimento dos otomanos iria favorecer o avanço dos russos no sul da Ásia. Por este motivo, a política britânica visava evitar a divisão do Império e suas perdas territoriais. Durante a década de 30 do século XIX, a Rússia e a Grã Bretanha disputaram a dominação de Istambul com tratados comerciais e militares. Em 1838, os ingleses e os otomanos assinaram um tratado comercial que favoreceu o avanço dos interesses financeiros britânicos, mas também contribuiu para preservar o frágil Império Otomano. Além disso, os britânicos promoveram e assessoraram aos otomanos em reformas para modernizar o exército, criar ferrovias, rotas, canais e escolas estatais. Também promoveram a modernização do sistema financeiro com a criação de um Banco Central e de um sistema de dívida pública. Os britânicos desta forma protegiam as rotas comerciais provenientes da Índia que passavam pelo Egito ou pela Mesopotâmia. Com esse intuito, a Grã Bretanha também ocupou Aden²⁰ em 1839, o Chipre em 1878, o Egito em 1882, e estabeleceu acordos com líderes árabes ao longo do Golfo de Omã até o atual Kuwait.

O Grande Jogo teve uma breve interrupção após o acordo assinado entre a Rússia e a Grã Bretanha em 1907, que visava unir estas duas potências contra a Tríplice Aliança composta pelo Império Austro-Húngaro, a Alemanha e a Itália. Pelos termos do tratado, a Rússia acordava não invadir o Afeganistão enquanto a Grã Bretanha mantinha o controle

¹⁹ Na terceira guerra anglo-afegã (1918) o Afeganistão obteve sua independência e soberania nas suas relações exteriores.

²⁰ No atual Iêmen.

das relações exteriores deste país. A Pérsia tampouco devia ser invadida, mas os russos e os ingleses conservaram suas respectivas esferas de influência. Por sua vez, o Tibete sairia do controle da China, mas a Grã Bretanha e a Rússia manteriam suas relações comerciais na região e os habitantes budistas do Império russo teriam livre acesso ao Dalai Lhama. Contudo, logo após a revolução bolchevique na Rússia, o Grande Jogo voltaria com outras roupagens.

AS RESPOSTAS DA CHINA E DO JAPÃO FRENTE AO AVANÇO IMPERIALISTA NA ÁSIA

A conhecida expressão “uma nação rica e um exército forte” representava a idéia que foi incorporada pela China e pelo Japão de buscar desenvolver as suas riquezas materiais para assim contar com recursos e tecnologias capazes de proteger seus territórios e interesses diante do avanço imperialista ocidental. Esta idéia foi incorporada tanto no Japão quanto na China por movimentos que promoveram a modernização.

Contudo, se ambos os países adotaram esta idéia, por que os resultados do Japão e da China foram tão diferentes? Por que um país que historicamente pertenceu à periferia do império chinês, como o Japão, teve sucesso, e a China, que era o centro da ‘economia mundo’ asiática (ARRIGHI ET AL., 2003) precisou de mais de cem anos para iniciar aquilo que o Japão conseguiu em poucas décadas?

Para responder a essas perguntas, é necessário examinar quatro elementos principais que marcaram as diferenças fundamentais nas respostas da China e do Japão ao desafio do avanço imperialista na Ásia. Esses quatro fatores são expostos em seguida.

Em primeiro lugar, um elemento que contribuiu para o sucesso japonês em relação ao chinês era o fato de que as elites japonesas puderam observar e, sobretudo, aprender com as sucessivas derrotas chinesas frente às potências européias. Tanto a China quanto o Japão eram duas sociedades e economias fechadas com relação ao estrangeiro. Contudo, foi a China a primeira que foi obrigada a se abrir aos europeus. A Primeira Guerra do Ópio (1839-42) aconteceu antes que o Japão fosse ameaçado e na prática obrigado a assinar os tratados desiguais na década de 1850. Por sua vez, os fracassos das tentativas chinesas de resistência aos europeus representavam um futuro que as elites do Japão não queriam experimentar. Entre estas experiências estão a Segunda Guerra do Ópio da China com

a Grã Bretanha e a França (1856-60) e a guerra com a França pelo controle do Vietnã (1885)²¹.

Isto não significa que no Japão não tenham existido tentativas de resistência militar às potências ocidentais. No início do avanço ocidental, em oposição ao poder central do Shogunato, vários *daimyos*²², como os das províncias de Satsuma e Choshu, promoveram a política de expulsão de estrangeiros pela força. Eles seguiram a doutrina chamada de *Sonnō jōi*, i.e., “reverenciar ao imperador e expulsar aos bárbaros”. Satsuma, por exemplo, protagonizou uma infrutífera guerra com os britânicos em 1863, a qual gerou como resultado o bombardeio do porto de Kagoshima e a destruição do forte de Shimonoseki promovida por ingleses, franceses, holandeses e norte-americanos. Estes episódios obrigaram aos *daimyos* a reconsiderar a política de enfrentamento militar com as potências européias e contribuíram para que gradualmente no Japão se formasse uma aliança para destituir o shogunato Tokugawa em 1866.

Nesse ano, o shogunato já não estava conseguindo conter a contestação dos *daimyos* Satsuma e Choshu. Em 1868, iniciou-se um período de guerra civil conhecido como “Guerra Boshin”, no qual as tropas shogunais foram derrotadas pelas forças de Choshu e Satsuma. Assim, o último shogun Tokugawa, Yoshinobu, tomou a decisão de restaurar o poder do Imperador da dinastia Meiji, manobra para se manter no poder. Logo após esta medida, se sucederam uma série de enfrentamentos que obrigaram ao shogun a renunciar e abrir as portas da cidade de Edo sem resistência em abril de 1868. Começava a Era Meiji²³.

Decorrente disto, um segundo elemento que contribui para explicar o sucesso japonês em contraposição ao chinês, é o fato de que no Japão o movimento que promovera as reformas surgiu de uma revolução que derrocou o poder estabelecido. O nível de centralização do poder político e militar no Japão após a Restauração Meiji²⁴ foi muito superior

²¹ O Vietnã, a Coréia, a Birmânia (ou Myanmar), o Laos, assim como vários outros países do sudeste e centro da Ásia, integravam o chamado “sistema tributário chinês”.

²² Os *daimyos* tinham características similares aos senhores feudais europeus, i.e., tinham um poder militar localizado e controlavam a população que trabalhava nas terras das suas zonas de influência.

²³ O objetivo retórico da Restauração Meiji era restaurar o poder do Imperador. Na verdade o poder político passou do Shogun para um pequeno grupo de *daimyos* e samurais das províncias de Satsuma e Choshu, mais alguns líderes ligados à corte imperial. Por sua vez, a Restauração Meiji não contou com um líder emblemático como Bismark na Alemanha ou Napoleão na França.

²⁴ Em 3 de fevereiro de 1867, Mutsuhito, então com quinze anos de idade, sucedeu a seu pai, o Imperador Komei, e a nova era, a de Meiji (regime iluminado), foi proclamada. A Restauração Meiji (1868) terminou com o sistema shogunal de duzentos e sessenta e cinco anos dos Tokugawa. O último shogun, Tokugawa Yoshinobu, renunciou em abril de 1868 e o império foi restaurado. Os exércitos dos feudos de Satsuma, Choshu e Tosa, que passaram a compor as forças imperiais, dominaram os seguidores dos Tokugawa e, pouco depois, asseguraram a restauração Meiji.

que na China, o que acelerou o processo de reformas e eliminou mais rapidamente os obstáculos conservadores e opostos às mudanças, fato que explica a maior profundidade da modernização japonesa. Na China, ao contrário, os setores do próprio poder estabelecido foram os que impulsionaram as reformas.

As tentativas de reforma chinesas promovidas a partir do poder imperial surgiram do movimento chamado de 'autofortalecimento' que tentou incorporar avanços científicos e técnicas militares ocidentais. Foram enviados estudantes ao exterior para aprender as técnicas ocidentais, promoveu-se a construção de ferrovias e de sistemas de comunicação, de telégrafos, etc. Contudo, estas mudanças não tentavam promover uma transformação global e profunda da sociedade, mas eram tentativas de manter o *status quo*. Entre os objetivos do movimento de autofortalecimento na China estava o restabelecimento do poder tradicional do Império, enquanto que no Japão a Restauração Meiji almejou a criação de um Estado Moderno com vistas a alcançar um rápido *catch up* com as potências ocidentais.

Um terceiro fator que ajuda a explicar as diferenças está no fato de que a China era um império governado por uma minoria étnica, os manchus, que só representava 2% da população, o que enfraquecia a unidade do Império. A elite governante preferia evitar um exército unificado, o que dificultaria rebeliões de outros grupos étnicos. As forças armadas estavam divididas por regiões, o que reduzia as possibilidades de qualquer eventual ação centralizada. O Japão, de modo contrário, era muito mais homogêneo que a China e logo após a restauração Meiji em poucos anos conseguiu consolidar um poder militar unificado.

Um quarto elemento de fundamental importância, quando se analisa a reação da China diante das agressões externas, é o fato de que a dinastia Qing também enfrentava uma série de rebeliões internas que se estenderam por todo o século XIX. Algumas destas rebeliões como Miao (1795-1806) e a rebelião do Lótus Branco (1796-1804), na qual se estima terem morrido cerca de 15 milhões de chineses, aconteceram antes da aparição da ameaça européia. Isto é, o Império já estava notavelmente enfraquecido antes das sucessivas derrotas com as potências ocidentais. Por sua vez, várias destas revoltas ocorreram simultaneamente às agressões externas, como foi o caso da rebelião Taiping (1850-64), que coincidiu com a Segunda Guerra do Ópio. Nesta revolta, o poder central enfrentou focos de resistência em 16 províncias do Império e mais de 600 cidades. O número

de mortos é estimado em cerca de 30 milhões (FAIRBANK & GOLDMAN, 2006). Outras rebeliões que coincidiram com a agressão externa foram: a de Nien (1851-1868), que envolveu 8 províncias, e a Muçulmana (1855-1873), ocorrida na província de Yunnan; a de Tungan (1862-1873) no nordeste do país e outra insurgência muçulmana, ocorrida em Sinkiang entre 1864 e 1877. Por sua vez, as “sociedades secretas” do sul do país lançaram revoltas contínuas de menor relevância durante toda a dinastia Qing.

Isto não significa que a Restauração Meiji não tenha sofrido resistência interna. Ao contrário, quando as reformas começaram a ser implantadas, vários dos samurais que promoveram a restauração do imperador Meiji em 1868 se rebelaram contra o poder central²⁵. De fato, a restauração Meiji foi uma revolução liderada por samurais que estava obrigada a acabar com o poder dos samurais. Essa era a principal contradição a resolver. Um dos principais assuntos que enfrentou o poder Meiji foi a posse e taxaço da terra até então nas mãos dos *daimyos* respaldados pelo poder militar dos samurais. Aumentar a taxaço era essencial para consolidar o poder central e fortalecer um exercito nacional com capacidade de enfrentar às potencias ocidentais.

Em 1868, o poder Meiji confiscou todas as terras dos Tokugawa as quais ficaram sob o controle imperial. Outro acontecimento central foi a cessão voluntária para o poder central do domínio sobre as terras por parte dos *daimyos* de Satsuma, Chochu, Tosa e Hizen em 1869. Em 1871, todos os *daimyos* foram obrigados a fazer o mesmo. Uns 300 domínios se converteram em prefeituras dirigidas por autoridades escolhidas pelo governo central. Em troca disto, a partir de 1874 o governo imperial emitiu títulos públicos que foram concedidos a samurais e *daimyos*. Isto já significava um grande avanço para a centralização e uma enorme perda para os *daimyos* e samurais, já que os juros que pagava o governo apenas alcançavam um terço das rendas das terras concedidas. Contudo, devido aos problemas fiscais que afetavam o governo central, os estipêndios que deviam ser hereditários foram abolidos. Além disso, em 1873, o governo central instituiu o serviço militar obrigatório no qual se estabelecera pela primeira vez um “imposto em sangue” aos camponeses, i.e., os camponeses também começaram a entrar no exército nacional, ao menos formalmente, em um pé de igualdade com os samurais.

²⁵ Uma diferença importante entre o Japão e a China é que no primeiro não se verificaram revoltas camponesas de grande importância como aconteceu na China. A resistência se concentrou quase exclusivamente na classe dos Samurais, que já tinha sido parcialmente enfraquecida no período Tokugawa (MOORE, 1967).

Paralelamente à reforma militar, o governo Meiji estabeleceu um sistema de educação básica obrigatória de quatro anos para meninos de ambos os sexos a partir de 1872. Estas reformas refletiam a crença dos líderes Meiji, segundo a qual a educação em massa e o serviço militar obrigatório eram elementos fundamentais do poder econômico e militar do ocidente. Por sua vez, também a partir de 1872, foi estabelecido um sistema de Ensino Médio e foram criadas Universidades Nacionais. Ao final do século XIX, 90% das crianças estavam matriculadas no ensino fundamental. Em 1905, 98% dos meninos e 93% das meninas²⁶ (GORDON, 2003). Outra medida importante foi o envio de missões governamentais aos países mais desenvolvidos do ocidente para conhecer as instituições mais adequadas à modernização (NISHI, 1998). Também foram enviadas centenas de estudantes a universidades estrangeiras que deveriam adquirir os conhecimentos técnicos necessários para desenvolver modernas tecnologias ocidentais no Japão (USHIDA, 1995).

A restauração criou uma armada imperial composta por um exército profissional integrado por todas as classes sociais. Todas as manifestações que até então tinham representado o poder e a identidade samurais, como as espadas, os cabelos compridos e suas tradicionais vestimentas foram proibidos por representarem um anacronismo que a modernização do Japão devia superar²⁷. Levando em consideração que os samurais detiveram o monopólio da força por quase 800 anos, que seu número representava aproximadamente 6% da população (dois milhões) e que os principais líderes da Restauração Meiji eram samurais, deve-se concluir que estas transformações foram de fundamental importância e geraram muita resistência.

Logo após estas radicais medidas promovidas a partir de 1873, uma série de revoltas contra o poder imperial lideradas por samurais de diferentes regiões se sucederam. Entre as principais podem-se citar as seguintes: a Rebelião de Saga em 1874, as de Shinpūren, Akizuki e Hagi de 1876 e a principal de todas elas, a famosa rebelião de Satsuma (“a guerra do sudoeste”) de 1877 liderada por Saigō Takamori, ‘O Último Samurai’,

²⁶ O governo Meiji também estabeleceu um dialeto dominante nacional baseado nos padrões lingüísticos da classe samurai de Tóquio, que acabou por se tornar a norma dominante na educação básica.

²⁷ Pelo Edito Dampatsurei de 1871, o governo forçou os samurais a cortarem o *chonmage* – corte tradicional japonês em forma de “nó” na parte superior do cabelo – e a se pentear ao estilo ocidental. Pelo edito de Haitōrei de 1876 o governo proibiu o porte das tradicionais espadas samurais.

que tinha sido uns dos líderes da revolta que acabou com o Shogunato e instalou no poder a dinastia Meiji. Estas rebeliões foram derrotadas com dureza pelo poder imperial. Mesmo que do ponto de vista econômico as revoltas colocaram em tensão as finanças do poder central, o qual se viu obrigado a abandonar o padrão monetário vigente²⁸, a vitória da Restauração significou um enorme passo para a modernização japonesa, por ter permitido a centralização do poder militar. A Armada Imperial teve sua prova de fogo nestas batalhas, já que conseguiu derrotar a classe dos samurais mediante um exército unificado e composto por soldados de distintos extratos sociais²⁹.

BREVE APRESENTAÇÃO DA MACROECONOMIA NA ERA MEIJI

As reformas econômicas promovidas pela restauração Meiji caracterizaram-se pela promoção da industrialização e pela modernização militar. O Japão começou a primeira mediante o desenvolvimento da indústria leve baseada na exploração de mão de obra barata. No caso dos têxteis elaborados com base no algodão, por exemplo, o Japão teve sucesso ao promover um acelerado processo de substituição de importações. Nas palavras de Akamatzu:

“In Japan, with the rise of the cotton spinning industry since the 1880’s, her domestic market was gradually recovered from imported products. Prior to this, the Ansei Treaty of 1858 had deprived Japan other tariff autonomy making it impossible for her to apply a protective tariff policy. It was probably due to the excellent technological adaptability of the Japanese, in addition to low wages that her domestic products could overcome this handicap and win out over the competition with imported goods.”(AKAMATZU, 1962, p. 13-14)

Por sua vez, o comércio internacional do Japão apresentava uma estrutura dual. Por um lado, o país exportava bens da indústria leve (guarda-chuvas, relógios, produtos de vidro, lâmpadas, tecidos, fósforos,

²⁸ Sobre as características deste sistema, ver a seção seguinte.

²⁹ O destino dos samurais foi variado. Muitos encontraram empregos na nova burocracia do governo, especialmente nas forças armadas. Outros se tornaram professores, industriais, empresários agrícolas e oficiais militares. Entretanto, muitos terminaram na miséria e na indigência.

etc.) à região asiática, principalmente à China³⁰, por outro, importava a maioria dos bens de capital dos países ocidentais. As matérias primas, especialmente o algodão cru, provinham em sua maior parte da Índia e dos EUA. A Índia, por seu lado, manteve um permanente superávit com o Japão por conta de suas exportações de algodão. Os EUA foram um grande mercado para os produtos de seda japonesa durante todo o período gerando elevados superávits para o Japão durante toda a era Meiji conforme ilustrado na tabela 2. Por sua vez, o Japão importava alimentos do sudeste asiático. Um elemento a destacar é o elevado e crescente comércio intra-asiático do período (SUGIHARA, 2003).³¹

Antes da adoção da paridade fixa com a libra, o iene sofreu uma desvalorização (acompanhado a desvalorização da prata) que promoveu as exportações da indústria leve. Contudo, a partir da entrada do Japão no padrão ouro-libra (1897), e acompanhando a natural tendência dos processos de rápida industrialização de demandar de forma crescente bens de capital, o país começou a sofrer um persistente déficit de conta corrente que se manteve até a primeira guerra mundial. Isto também era reforçado pela importação de armamento proveniente do mundo ocidental.

Tabela 2: Balanço de Pagamentos do Japão por região 1876-1920 (em milhões de ienes)

Ano	Coréia & Taiwan	China	Índia	Ásia Total	América do Norte	Grã-Bretanha	Outros Europeus	A.L a.f/ O.c*	Total
1876 - 1880	n.a	-1	-1	-2	28	-59	9	1	-22
1881 - 1885	0	2	-18	-9	54	-49	25	2	23
1886 - 1890	-4	6	-29	-29	87	-83	20	6	2
1891 - 1895	-4	4	-32	-54	162	-128	49	8	37
1896 - 1900	9	92	-129	-105	74	-256	-34	11	-310
1901 - 1905	44	228	-280	-134	144	-264	-3	17	-240
1906 - 1910	54	255	-286	-76	331	-383	-1	28	-100
1911 - 1915	16	481	-573	-115	388	-312	42	-5	-2
1916 - 1920	-302	846	-701	157	5	53	446	69	592

Fonte: Baseado em HUNTER & SUGIYAMA (2002, p. 19).

* Balanço de Pagamentos do Japão com a América Latina, África e Oceania.

³⁰Durante todo o período de análise o comércio da maior parte dos países de Ásia foi superavitário com a China, a qual manteve um persistente déficit com resto do mundo durante o século XIX e as primeiras décadas do século XX (SPENCE, 1990). A China em parte conseguia fechar seu balanço de pagamentos com remessas enviadas pelos emigrantes chineses que trabalhavam principalmente no sudeste asiático, os quais chegariam a contabilizar aproximadamente uns 15 milhões desde 1869 até 1939 (SUGIHARA, 2005).

³¹Este comércio intra-regional é uma diferença fundamental na comparação com outras regiões da periferia, caso América Latina.

Este déficit devia gerar uma contínua perda de reservas. Mas, por conta da aliança anglo-japonesa assinada em 1902, o país conseguiu financiar seu déficit. Este sistema funcionava mediante a emissão de títulos públicos japoneses no mercado londrino para financiar a defesa e os investimentos públicos. Isto é, a aliança militar e financeira do Japão com a Grã Bretanha foi um elemento chave na segunda etapa do processo de industrialização, i.e., a industrialização pesada, e no fortalecimento militar e geopolítico do país. A tabela 3 mostra a colocação de títulos japoneses de 1870 até 1910. Como é possível observar, cinco destas colocações estiveram relacionadas com o financiamento militar, três com obras de infra-estrutura, uma com a indenização dos Samurais (1873) e cinco com a rolagem da própria dívida. Por sua vez, excetuando uma colocação de 1910 feita em Paris, a City de Londres participou de todas as colocações, às vezes acompanhada pelas cities de Nova York, Paris e/ou Berlim.

Tabela 3: Emissão da Dívida Pública Japonesa no exterior na Era Meiji

Ano	Cidade	Taxa de Juros	Maturidade	Valor	Propósito
1870	Londres	9% a.a.	13 anos	4,88	Construção de Ferrovias
1873	Londres	7% a.a.	25 anos	11,71	Indenização dos samurais
1897	Londres	5% a.a.	55 anos	43,00	Guerra
1899	Londres	4% a.a.	55 anos	97,63	Siderúrgica, Telecom. e Guerra
1902	Londres	5% a.a.	55 anos	50,00	Siderúrgica, Telecom. e Guerra
1904	LN e Nova York (NY)	6% a.a.	7 anos	97,63	Guerra
1904	Londres e NY	6% a.a.	7 anos	117,16	Guerra
1905	Londres e NY	4,5% a.a.	20 anos	292,89	Guerra
1905	Londres, NY e Berlim	4,5% a.a.	20 anos	292,89	Guerra, rolagem de dívidas
1905	Londres, NY, Berlim e Paris	4,0% a.a.	25 anos	244,08	Rolagem de dívidas
1907	Londres e Paris	5,0% a.a.	40 anos	224,55	Pagamento das dívidas de 1904
1910	Paris	4,0% a.a.	60 anos	174,15	Pagamento de títulos públicos
1910	Londres	4,0% a.a.	60 anos	107,39	Pagamento de títulos públicos

Fonte: BYTHEWAY (2005).

Os gastos do governo cresceram durante todo o período, mas sua participação no PIB se manteve relativamente constante durante quase toda a era Meiji. Esta tendência, por sua vez, era semelhante ao nível

observado em países desenvolvidos (MADDISON, 2006, p.135). Um dos principais destinos dos gastos japoneses foi a construção de ferrovias e obras de infraestrutura, mesmo com participação do capital privado, como se pode ver na tabela 4.

Tabela 4: Evolução da extensão da rede ferroviária japonesa (1872-1914)

Ano	Ferrovias e Quilômetros
1872	128 Km
1881	223 Km
1883	386 Km
1885	565 Km
1887	1029 Km
1890	2733 Km
1894	3378 Km
1895	3408 Km
1900	6202 Km
1904	7562 Km
1914	11423 Km

Fonte: IKE (1995) e MOFFITT (2004).

No início da era Meiji, os impostos recaíam principalmente sobre a terra. Essa foi a importância econômica fundamental da eliminação dos domínios sob o poder dos *daimyos* e samurais no início da Restauração Imperial. Isto é particularmente importante quando se considera que, por conta dos tratados desiguais assinados com as potências ocidentais, o Japão não podia elevar suas tarifas alfandegárias. Em termos absolutos, a renda proveniente destas tarifas teve uma leve tendência ascendente. Contudo, em poucas décadas, à medida que o desenvolvimento de outras atividades avançava, a participação da terra na arrecadação diminuiu de forma progressiva.

Os resultados das reformas promovidas pela Restauração Meiji foram os de maior sucesso em qualquer comparação internacional. O crescimento da produtividade por trabalhador empregado no Japão desde 1870 até 1913 foi o segundo maior do mundo atrás apenas do Canadá (MADDISON, 2006, p. 349-351).

Um dos elementos centrais no desenvolvimento econômico japonês foi a progressiva criação dos Zaibatsus, i.e., os conglomerados industriais e financeiros verticalmente integrados e controlados por famílias japonesas normalmente ligadas ao poder político³² e que controlavam partes significativas da economia do país. A origem destes grupos foi alternativamente comercial e militar. As despesas do Estado, especialmente as ligadas com as atividades militares, foram uma fonte importante da demanda para estes grupos. Os efeitos multiplicadores e aceleradores destes gastos foram particularmente relevantes no desenvolvimento da indústria pesada (ROSOVSKY, 1961, p. 22).

Por sua vez, outro elemento central dos estímulos estatais veio da difusão tecnológica proveniente dos arsenais e plantas industriais de propriedade estatal sobre firmas privadas, especialmente Zaibatsus. Em tempos de guerra, o governo transferia ordens de compra acompanhadas de assessoramento técnico para empresas privadas. Isto foi particularmente importante no desenvolvimento das indústrias naval, de maquinarias, de máquinas-ferramentas, relógios e aço (YAMAMURA, 1977). Nas palavras de Yamamura:

If the principal effect of the Sino-Japanese War was to increase the technological capabilities of the arsenals and a few large private shipyards, the most significant effects of the Russim-Japanese War were the rapid dissemination of modern technology to a large number of private firms and a suddenly accelerated growth in the fledgling and often struggling private machine and machine-tool makers who received increased and timely military demand and technological assistance. The rapidity of the dissemination of technology and the sudden placing of orders to many private modern firms were the results of an urgent necessity born out of the war being fought with Russia (YAMAMURA, 1977, p.121).

Dos principais grupos, somente o Mitsui e o Sumitomo nasceram antes da era Meiji. Os outros grupos, como Mitsubishi (1870), Yasuda (1876), Fujita (1877), Asano (1881), Seiko (1881), Kawasaki (1896), nasceram depois da Restauração Imperial. As guerras contra a China e a Rússia favoreceram

³² Na etapa constitucional, os dois principais partidos, o Rikken Seiyūkai (“amigos do governo constitucional”) e o Rikken Minseitō (“partido democrático constitucional”) funcionavam, na prática, como extensões dos grupos Mitsui e Mitsubishi respectivamente (JANSEN, 2002).

o progresso destes conglomerados de múltiplas formas como a demanda de produtos, a difusão de tecnologia e o treino dos empregados das firmas pelos técnicos do exército. Mas, talvez a principal influência das guerras e do imperialismo japonês na expansão dos Zaibatsus tenham sido as conquistas territoriais na Ásia e o controle dos mercados a partir do final da era Meiji. Em particular, o investimento externo do Japão registrado até 1945 esteve concentrado quase totalmente nas áreas conquistadas por conta do expansionismo militar, especialmente na Coréia, em Taiwan, na Manchúria e no norte da China como se pode observar na tabela 5.

Tabela 5: Ativos externos japoneses em 1945 por área geográfica e setores

Áreas	Distribuição por área	Governo	Corporações	Individual	Total
Norte da Coréia	13.6	18.5	74.4	7.1	100
Sul da Coréia	10.4	19.7	58.6	21.7	100
Manchúria	39.4	2.5	84	13.5	100
Norte da China	13.2	3	82.2	14.8	100
Centro e Sul da China	8.5	3.1	80.9	15.9	100
Taiwan	8.7	31.2	55.6	13.2	100
Outras áreas	6.3	14.4	67.1	18.5	100
Total Geral	100	9.8	76	14.1	100

Fonte: Reelaborado em base a MIYAZAKI (2005).

No quadro também se pode observar que a maior parte destes investimentos foi realizada pelo setor privado. Isto é, a trajetória dos investimentos externos do setor privado japonês, em especial os investimentos das corporações, esteve ligada e foi promovida pelo avanço territorial e militar do Império.

AS FINANÇAS ASIÁTICAS NA ERA MEIJI E A ENTRADA DO PAÍS AO PADRÃO OURO-LIBRA

A expansão dos impérios ocidentais sobre os territórios da Ásia foi acompanhada pelo avanço dos seus bancos e sistemas financeiros na região. Na China, desde a segunda metade do século XIX, cerca de doze países mantinham bancos nas cidades abertas pelos tratados desiguais. Estes bancos contavam com a vantagem da extraterritorialidade e

podiam emitir notas bancárias, muitas das quais tinham grande aceitação e popularidade em todo o território chinês. No início, os bancos acompanharam e financiaram as atividades comerciais. Outra atividade muito lucrativa era a intervenção e a arbitragem sobre as taxas de câmbio entre as distintas moedas que circulavam na China e o resto do mundo. Por sua vez, as finanças britânicas eram as dominantes na região asiática e na China. Aproximadamente quinze bancos de origem inglesa chegaram a funcionar simultaneamente na China (SANDROCK, 2008).

Para entender a lógica que governava as finanças da região asiática da época, é importante lembrar a história do banco mais importante que operou na Ásia à época, o *Hong Kong and Shanghai Banking Corporation* (HSBC). Este banco, criado em 1864, funcionava como o braço financeiro da City de Londres em toda a região asiática. No contexto da fraqueza do Império Chinês, o banco facilitou as atividades comerciais e desempenhou um destacado papel nas relações diplomáticas da Grã Bretanha com a China. Isto é, a atuação do HSBC sempre tinha, além dos interesses econômicos, uma dimensão estratégica das relações internacionais. Embora o banco fosse uma instituição privada orientada originariamente a proporcionar uma fonte de financiamento local para o comércio de europeus no leste asiático, os empréstimos se dirigiram principalmente ao governo da China e foram política e estrategicamente orientados, já que as autoridades chinesas tinham que passar pela diplomacia interestatal antes de ter a possibilidade de captar recursos financeiros de bancos estrangeiros. Assim, o HSBC desempenhou um importante papel no financiamento da dívida externa da China no final do século XIX (WICKMAN, 2008).

Uma das principais atuações deste banco foi o financiamento e a triangulação nas reparações de guerra. O HSBC financiou a reparação de guerra da China com a França após a derrota do Império Chinês na guerra pelo controle do Vietnã entre os anos 1882 e 1885. Assim, o banco começou a ter um papel crescente no controle da dívida chinesa, situação que podia aproveitar, devido a seus vínculos com a City de Londres.

O banco também financiou as reparações de guerra da China com o Japão (1894-95). Estas reparações foram, por sua vez, aplicadas pelos japoneses na dívida pública britânica, o que possibilitou a entrada deste país no padrão ouro em 1897³³. O valor da indenização foi originalmente

³³ O período 1870-1914 foi inegavelmente uma era de expansão da moeda e das finanças inglesas consubstanciadas na adoção do padrão ouro-libra em diversos países europeus, em uma primeira onda em 1870, e por países da periferia econômica e geopolítica internacional nos anos 1890, quando o Império Austro-Hungaro (1892), a Índia (1893) e o Japão (1897) adotaram este padrão monetário.

estabelecido em 230 milhões de Kupings (moeda chinesa à época) ou £\$ 38 milhões. Contudo, o Primeiro-Ministro japonês Matsukata Masayoshi determinou que este valor fosse depositado em Londres e denominado em libras esterlinas. A regra de funcionamento era simples: o Japão obrigou a China a depositar a indenização no mercado londrino, a qual fora financiada pelo próprio mercado de capitais inglês (METZLER, 2006).

Na guerra dos Boxers³⁴, o HSBC não conseguiu controlar todas as operações de financiamento das indenizações. O motivo é que a vitória sobre a China foi compartilhada com outras potências. Deste modo, o negócio das reparações, que atingiu o montante de 450 milhões de *taels*, ficou dividido entre o HSBC e bancos da Alemanha e da Rússia. Como consequência da guerra, a Grã Bretanha, mediante a intermediação do HSBC, ficou com o controle de boa parte das finanças e dos direitos alfandegários da China. O banco chegou a fechar 112 empréstimos com o Império chinês.

Uma grande variedade de notas bancárias emitidas pelo HSBC circulava como dinheiro na China e em todo o continente asiático, especialmente em Honk Kong, Singapura, Siam³⁵, Japão³⁶ e Filipinas. O banco imprimia papel moeda em suas sucursais de Pequim, Tientsin, Shanghai, Hankow, Foochow, Chefoo e Amoy. Na prática o banco fixava a taxa de câmbio da cidade de Shanghai, fato que lhe permitiu controlar as finanças chinesas até os anos 30 do século XX (SANDROCK, 2008).

Os oficiais britânicos estavam bem informados a respeito dos negócios de seus bancos, e em muitos casos passaram a exercer influência significativa sobre os termos das operações financeiras. Assim como os outros bancos que atuavam no Leste da Ásia funcionavam como braços de seus governos, o HSBC tornou-se um braço do governo britânico apesar de permanecer em mãos privadas. Assim, a atuação da Grã Bretanha por intermédio do HSBC na guerra sino-japonesa representou uma grande jogada para trazer tanto a China quanto o Japão para sua área de influência monetária. A China ficou endividada em libras e o Japão adotou o sistema monetário liderado pela Grã Bretanha e virava aplicador no mercado

³⁴ A rebelião dos Boxers (1899-1901) foi liderada por nacionalistas chineses que lutavam contra a influência estrangeira na China. No início, foi reprimida pela dinastia Qing, mas em pouco tempo os oficiais do exército e a própria imperatriz Cixi apoiaram a revolta. Finalmente, esta foi derrotada por uma aliança formada pela Rússia, Grã-Bretanha, França, Estados Unidos, Alemanha, Itália, Áustria-Hungria e Japão.

³⁵ Atual Tailândia.

³⁶ Em Honk Kong, as notas do HSBC continuaram circulando até o retorno da cidade para o controle da China em 1997 (SANDROCK, 2008).

londrino. Houve uma valorização do Yen frente à cotação da prata que já vinha sendo observada na década de 1880. A partir de 1897, quando o país adota o padrão ouro, pode-se verificar a convergência das cotações do iene e do dólar (HUNTER & SUGIYAMA, 2002).

Assim, a adoção pelo Japão do padrão ouro-libra instituído pela primeira vez em 1897³⁷ se insere no contexto da hegemonia financeira da Inglaterra na Ásia. Na prática, representou o alinhamento japonês com as finanças britânicas. Este padrão monetário refletia não somente o avanço da Pax Britânica sobre o Japão, como também uma ação estratégica para a expansão econômica do Império Japonês no espaço asiático³⁸. Assim, a adoção da paridade fixa com a libra³⁹ não somente tinha fins econômicos, mas, sobretudo, almejava objetivos de defesa (SCHILTZ, 2007). Tal medida representava a possibilidade de maior acesso aos capitais estrangeiros, de modo especial aos dos ingleses, o que foi acelerado após a vitória na guerra com a China em 1895. Esta guerra também beneficiou o Japão de dois modos distintos. Em primeiro lugar, possibilitou ao país ampliar seus empréstimos à Coréia e, até mesmo, à China com base nos recursos depositados em Londres. A presença do sistema bancário japonês na Coréia foi iniciada com o estabelecimento do Banco Shibusawa Eiichi's Dai-Ichi, o qual tomou empréstimos do governo do Japão para iniciar suas atividades na província de Pusan em 1878. Este banco se tornaria o principal banco da Coréia em 1905.

³⁷ Os historiadores econômicos apontam que o Japão adotou pela primeira vez o lastro oficial de sua moeda ao ouro em 1897, já no período Meiji (1868-1912). Contudo, já na Era Tokugawa Bakufu (1603-1868), o país havia adotado um sistema monetário independente e trinitário, com o qual passou a cunhar suas próprias moedas de bronze, prata e ouro (METZLER, 1999). Este sistema monetário tornou o país independente da importação de bronze da China que funcionou como lastro da moeda japonesa por séculos antes da Era Tokugawa, o que fazia da China o centro monetário do leste e sudeste asiático. Vale citar que, se por um lado, o Japão havia se livrado da dependência do bronze chinês, por outro, ainda dependia de bens manufaturados produzidos naquele país, os quais eram importados com o ouro e a prata produzidos em abundância no Japão da Era Tokugawa. De modo a eliminar a dependência de importação da China e para conter a perda desenfreada de seus metais preciosos, o Japão adota restrições a importação e embargo à exportação de alguns produtos (como o ouro) no início do século XVIII.

³⁸ Além da questão do alinhamento externo, vale mencionar que havia no Japão à época grupos sociais que se opunham à valorização cambial resultante da adoção deste padrão, caso dos setores exportadores. Porém, outros grupos sociais, como os financistas e a marinha, já que esta última importava boa parte de seus equipamentos de guerra da Inglaterra, eram favoráveis e saíram vitoriosos com a entrada do Japão no novo padrão monetário.

³⁹ A paridade adotada foi de uma libra para dois ienes.

Contudo, mesmo antes do estabelecimento deste banco, os japoneses já mantinham relações financeiras com os coreanos como evidenciado, por exemplo, com o empréstimo que o Japão concedeu ao governo da Coreia para o pagamento de uma indenização ao próprio Japão em 1882, através do Banco Yokohama⁴⁰. Este banco, criado em 1880, foi o único banco japonês que conseguiu fazer circular suas próprias notas bancárias na China a partir de sua sucursal em Shanghai, inaugurada em 1893. Logo após a Guerra Sino-Japonesa, o banco expandiu suas atividades, assumindo o comércio de grãos da Manchúria. Durante a guerra russo-japonesa, o Yokohama estendeu suas atividades para o norte da Ásia, seguindo o avanço do exército japonês. Nas primeiras décadas do século XX, o Yokohama tornou-se um forte concorrente do HSBC no território chinês, tendência que se aprofundaria até a derrota japonesa em 1945 (SANDROCK, 2008).

A presença do capital japonês na Ásia era uma forma de estender a sua influência em importantes áreas do continente, como a Coreia e a China - grande produtora de aço, matéria-prima fundamental para guerras - e, adicionalmente, de ampliar seus interesses econômicos na região poderia servir de pretexto para futuras ocupações militares na zona, conforme ilustrado na citação do Ministro das Finanças do Japão com relação à invasão inglesa do Egito em 1882:

“What was England’s pretext for intervening in Egypt? Was it not in the fact that England had obtained a position of real interest there by supplying Egypt with capital? I firmly believe that if we wish to solidify our position in Korea and establish a pretext for intervention in its internal affairs, we must obtain real interests there, whether through railroads or through loans, and by financial means create pretexts for extending our intervention to other kinds of relationships”(METZLER, 2006, p.41).

Em outras palavras, a Guerra com a China já era parte integrante do projeto expansivo japonês e sua vitória permitiu ao país ampliar seu projeto hegemônico na Ásia. Assim, entre 1897 e 1902, o Japão se preparou para este projeto ao promover mudanças fundamentais, como, por exemplo, a criação do Banco da Indústria Japonesa em 1902, para financiamento de longo prazo das suas empresas através da captação de

⁴⁰ Esta indenização foi estabelecida no Tratado de Chemulpo entre os dois países.

recursos mediante a venda de títulos públicos no exterior e a criação do Banco de Taiwan, que se tratou do primeiro banco central colonial japonês que entrou em operação em 1899 e que funcionou como o banco emissor de Taiwan, apoiando os investimentos externos do Japão nesta ilha⁴¹.

Em segundo lugar, a guerra deu acesso para o Japão ao Banco da Inglaterra, o qual fora negado ao banco Yokohama antes da vitória japonesa. Após a guerra, o Japão passou a se financiar em Londres com a emissão de títulos lastreados no montante de Libras que detinha na Inglaterra adquirido com a indenização paga pela China, ou pela venda direta de títulos de guerra. Os recursos obtidos na Inglaterra eram utilizados, sobretudo para fins associados à preparação militar do Japão, como, por exemplo, o financiamento de 1898 para a construção de ferrovias, da siderurgia de Yahata e a extensão do sistema de comunicações do país. Em outros termos, todas as atividades financeiras do Japão na época tinham justificativas sob o ponto de vista militar⁴².

A ALIANÇA ANGLO-JAPONESA DE 1902

A guerra com a China e a assinatura do Tratado de Shimonoseki tinham sido os primeiros passos do Japão como um grande jogador no tabuleiro asiático. Por este tratado, a China foi obrigada a reconhecer a 'independência' da Coréia, ceder a península de Liaodong e uma grande área da costa da Manchúria, bem como as ilhas de Pescadores e Formosa (Taiwan). Por sua vez, a China teve que conceder ao Japão um novo tratado de exploração comercial nos moldes dos concedidos as potências ocidentais, e foi obrigada a pagar uma indenização correspondente a 300 milhões de *taels*. O Tratado de Shimonoseki constituía a consolidação de um novo equilíbrio de poder na Ásia Oriental e obrigou a China a buscar empréstimos externos para pagar a indenização. No entanto, dada a fraqueza chinesa e o início do processo de ocupação territorial da China pelo Japão, na visão das potências européias a região tinha ficado numa situação de desequilíbrio. Por este motivo, seis dias depois da assinatura do tratado, a intervenção dos Três Poderes, representados pela Rússia,

⁴¹ A ilha de Taiwan se converteu em colônia japonesa logo após a vitória do Japão sobre a China em 1895.

⁴² Após 1898, a Inglaterra cessou seus empréstimos ao Japão, em função dos elevados gastos para a manutenção da Guerra dos Boers na África do Sul (1899-1902), importante fornecedor de ouro do Império Britânico. É interessante notar que nesta época os ingleses recorreram ao J.P. Morgan and Company para financiarem a guerra, o que representou uma nova fase na relação entre a Inglaterra e os EUA.

Alemanha e França, obrigou o Japão a devolver o controle da península de Liaodong para a China de modo a restabelecer o *status quo* na China insular. Esta intervenção foi considerada pelos líderes do Japão como uma humilhação que freava as legítimas aspirações expansionistas do país.

A partir destes acontecimentos, a estratégia do Japão foi estabelecer uma aliança para evitar que se repetisse um isolamento internacional que atrapalhasse a expansão territorial do Império japonês. Deste modo, a Aliança de 1902, assinada entre o Japão e a Grã Bretanha, não pode ser compreendida sem referência à disputa pela hegemonia no espaço chinês. Em seguida à derrota com o Japão, a China se converteu em um centro de disputa inter-imperialista na região, uma vez que ficou mais claro que este país não seria capaz de defender suas próprias fronteiras no caso de uma agressão internacional. Neste contexto, a Grã Bretanha e o Japão tinham uma preocupação comum, já que para ambos os países a Rússia era ameaça principal na região.

Na visão dos líderes da Grã Bretanha, o caso da China apresentava o seguinte dilema ou fio da navalha: por um lado, o Império Chinês devia ser suficientemente fraco para aceitar a exploração e a influencia inglesa. Mas, por outro, devia ser forte o suficiente para impedir o avanço das outras potências imperialistas que possuíam ambições na China, especialmente a Rússia. Por este motivo, a Grã Bretanha foi uma firme defensora da manutenção da integridade territorial chinesa, pois isto significava a preservação do equilíbrio de poder na região, ou seja, da dominância inglesa. O modelo de colonialismo informal aplicado na China tentava ser similar ao exercido no Império Otomano⁴³, no qual mantinha uma significativa relação de dependência econômica e política, sem funcionar como uma colônia formal (CAIN & HOPKINS, 2001). Além disso, o império chinês devia se manter suficientemente forte para conter o processo de rebelião interna, o qual era uma grande ameaça à estabilidade do Império, conforme comentado acima.

Vale mencionar que, além da China, a Rússia, com o apoio da França, mantinha desde 1897 uma crescente presença na Coreia, quando o governo coreano, para conter o avanço japonês no país, nomeou Kir Alexeiev, membro do governo russo, conselheiro de finanças e que na prática atuou como um Primeiro Ministro. Além disso, a Rússia promoveu a criação de um banco Russo-Coreano encarregado dos negócios russos no país. A expansão russa sobre a Coreia e sobre o norte da China tornava

⁴³ Ver a seção referida ao 'Grande Jogo'.

racional a concretização da aliança, antes mesmo de ela ter sido formalizada. Um episódio central neste processo foi a Guerra dos Boers na África do Sul (1899-1902). Nessa guerra, a Grã Bretanha teve que mobilizar grandes recursos humanos, materiais e militares, o que enfraqueceu sua posição em outras regiões. Isto ficou muito claro na rebelião dos Boxers na China em 1900 quando Grã Bretanha se viu obrigada a recorrer ao apoio do Japão para compensar a presença de outras potências na repressão da rebelião.

Assim, a aliança implicava em um delicado equilíbrio entre a necessidade de preservar a integridade territorial da China, reduzir o perigo da Grã Bretanha ter que enfrentar uma guerra de proporções globais no leste asiático e evitar o risco da formação de uma coalizão européia frente a uma eventual guerra entre a Rússia e o Japão. Por sua vez, para a Grã Bretanha, o Japão era um aliado ideal porque não tinha ambições extra-regionais para além da Ásia e poderia dividir com ela os custos de manutenção da segurança e equilíbrio regionais. Por outro lado, para o Japão a aliança representava ter ao seu lado uma potência global que apoiaria o país em suas ambições imperialistas na Ásia e ajudaria a desencorajar a formação de uma aliança hostil ao país como aquela sofrida após a vitória sobre a China.

Apesar de já em 1898 ter enviado navios de sua marinha para frear a atuação russa na Coreia, a Inglaterra somente oficializa sua aliança com o Japão em 1902, o que ampliou enormemente as fontes de recursos do país disponíveis no mercado de capitais londrino e favoreceu o processo de industrialização. Em dezembro de 1903, dois meses antes de o Japão disparar um torpedo surpresa sobre um navio russo parado no Porto Arthur, um Ministro japonês já havia solicitado um empréstimo ao governo inglês para combater a Rússia, recursos que foram liberados indiretamente por meio do mercado de capitais londrino. Parte destes recursos foi mantida na Inglaterra, uma exigência dos financiadores. Assim, as reservas de libras do Japão mantidas no exterior, sobretudo na Inglaterra, tiveram um salto logo após a Guerra com a Rússia.

O custo total da guerra com a Rússia foi de quase ¥ 2 bilhões, equivalente a seis vezes o orçamento do Japão em 1903 ou o dobro de sua receita anual, e teve 40% do seu valor total financiado pelos ingleses e o valor remanescente por um consórcio que contou com a presença de norte-americanos e alemães⁴⁴.

⁴⁴ Banqueiros estabelecidos nos EUA voltados a emprestar para mercados 'emergentes' e opostos às perseguições do Império Czarista contra os judeus na Rússia, como Jacob Schiff, também financiaram o Japão. Os Morgan não manifestaram interesse em financiar o país asiático e estavam à época alinhados com os russos (METZLER, 2006, p.71).

Todos estes empréstimos estavam denominados em libras (WOLFF ET AL., 2005). Estes capitais possibilitaram ao Japão ampliar seus gastos e emissões monetárias sem abandonar a paridade com a libra, o que reforçava a natureza estratégica para Londres do empréstimo ao Japão. Apesar de seu elevado custo, a vitória na Guerra Russo-Nipônica garantiu ao Japão, pelo Tratado de Portsmouth, anexar a Coreia definitivamente como seu protetorado⁴⁵, consolidando a influência do iene como uma moeda forte e com área de influência neste país, além da China. A ferrovia da Manchúria foi entregue pela Rússia ao Japão como compensação pela guerra. Para ilustrar a influência do iene na Coreia, vale mencionar que já em 1905 o Japão proibiu a cunhagem de moeda por parte do governo coreano. Outro exemplo da expansão japonesa foi a ocupação dos territórios conquistados na Manchúria como reparação pela Guerra. O Banco Yokohama se instalou nestas regiões e passou a emitir títulos e moeda, atuando de modo semelhante ao banco japonês Daí-Ichi na Coreia.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento econômico japonês teve a sua origem nas agressivas políticas desenvolvimentistas impulsionadas pela Restauração Meiji. Entre estas políticas se destacam: as obras de infraestrutura; o envio de missões aos países mais desenvolvidos do ocidente para conhecer tanto as instituições mais adequadas à modernização quanto para adquirir o conhecimento técnico necessário para desenvolver as modernas tecnologias ocidentais; a promoção da educação pública; o impulso da industrialização; e a promoção das exportações mediante uma agressiva política internacional.

Contudo, a rapidez na execução destas reformas só pode ser compreendida levando em consideração dois fatos fundamentais: a) a urgência imposta pelo expansionismo ocidental sobre os países asiáticos, que só lhes deixava as alternativas de se modernizarem ou virarem colônias formais ou informais das potências dominantes; b) a forte concentração de poder que experimentou o Japão logo após que os exércitos imperiais derrotaram as revoltas organizadas pelos samurais que resistiam às transformações.

Mas, no caso do Japão, como tem sido a regra no ocidente, a defesa de sua integridade nacional não é claramente distinta do expansionismo

⁴⁵ A Coreia viraria uma colônia formal do Japão em 1910 (GORDON, 2003).

manifesto. Desde o início do “milagre japonês”, este país apresentou uma tendência simultaneamente defensiva e expansiva. Logo após a vitória na Guerra Sino-Japonesa, o Japão criou uma poderosa máquina de expansão econômica e militar. Por sua vez, este processo expansivo foi favorecido pelo aproveitamento financeiro e militar das oportunidades geopolíticas que se apresentaram na época, em especial a concorrência entre a Grã Bretanha e a Rússia pela hegemonia na Ásia. Desta competição surgiu a Aliança Anglo-Japonesa que favoreceu o processo de industrialização japonês, permitiu ao Japão derrotar a Rússia no terreno militar e assim expandir sua presença financeira e industrial no leste asiático.

O caso da China é exatamente o oposto ao japonês, já que perdeu todas as guerras que manteve com as potências ocidentais e o próprio Japão no século XIX e teve que enfrentar permanentes rebeliões que envolveram milhões de camponeses durante quase dois séculos. Estes acontecimentos impediram, ao menos até a unificação de 1927, a consolidação de um Estado nacional forte capaz de promover reformas modernizadoras. Ao contrário do acontecido com o Japão, ao longo de todo o século XIX, a China foi perdendo o controle de seu antigo território, de suas finanças, e, fundamentalmente, não conseguiu modernizar suas forças armadas para se defender da agressão imperialista.

Desta forma, a análise comparativa das trajetórias da China e do Japão mostra que o sucesso da Restauração Meiji se deve à capacidade de se adaptar a um novo contexto geopolítico internacional e às evoluções da organização econômica mundial. O Japão foi um dos poucos países fora do Ocidente a não sofrer da chamada “Grande Divergência”⁴⁶, ao contrário da China, que foi uma de suas principais vítimas (NAYYAR, 2013). O Japão aprendeu com as experiências ocidentais bem-sucedidas e demonstrou uma capacidade de adaptação maior que a China às novas circunstâncias. Os novos dirigentes japoneses analisaram o fracasso da experiência chinesa e usaram esse aprendizado para elaborar um modelo de inserção geopolítica e de desenvolvimento econômico que deve muito, também, à estratégia de expansão britânica. O Japão, além da industrialização, soube aumentar seu poderio financeiro para conseguir ampliar sua influência econômica e militar na Ásia, seguindo o exemplo inglês.

⁴⁶ A “Grande Divergência” designa a drástica transformação da economia mundial a partir de 1820. A Revolução Industrial, que começa na Grã-Bretanha e se espalha no resto da Europa e na América do Norte, leva a um distanciamento cada vez maior em termos de desenvolvimento econômico entre o Ocidente e o resto do mundo. Ela é associada à “Grande Especialização”, um processo de integração econômica mundial onde o Ocidente produz os bens manufaturados enquanto as economias da Ásia, da África e da América Latina fornecem as matérias primas (NAYYAR, 2013).

Assim, para compreender os processos de desenvolvimento econômico, ao menos na Ásia, não basta identificar as políticas econômicas mais relevantes de determinado período. Primeiro, deve-se abandonar o nacionalismo metodológico dominante nas análises sobre o complexo problema do desenvolvimento. Segundo, deve-se ter em mente que o processo de concentração de poder é absolutamente essencial para que uma elite estatal possa promover reformas bem sucedidas. Sem poder, as boas idéias simplesmente viram sonhos.

THE GEOPOLITICAL DIMENSION OF THE ECONOMIC DEVELOPMENT DURING THE MEIJI RESTORATION (1868-1912)

ABSTRACT

The period of Japan's accelerated industrialization known as Meiji Restoration (1868-1912) is generally explained by heterodox literature as the result of internal phenomena. However, geopolitical elements played a key role in implementing the new Japanese development model. In this sense, the Chinese decadence as well as that of the major part of Asia in the nineteenth century is rarely considered together with the Japanese success. The Meiji Restoration and the Chinese failure have to be considered as different responses to the humiliations and advances of the occidental powers. Among these are the Opium Wars in China and the arrival of Commodore Perry on the Japanese coast. Confronted by the occidental expansion in Eastern Asia, the modernization implemented by the Meiji Restoration reflected not only the necessity to preserve the national security, but also a pre-requisite for the country to participate in the imperialist competition for the control of Asia. In this sense, the Alliance between Great Britain and Japan (1902) was designed to protect and expand their mutual economic benefits and played a fundamental role in the Japanese process of development in the twentieth century. In China, on the contrary, both the internal conflicts and the external aggressions prevented an equivalent evolution.

Key-words: Japan. Meiji Restoration. Big Game. Imperialism.

REFERÊNCIAS

- ARRIGHI, G., HAMASHITA, T. e SELDEN, M. (Eds) *The Resurgence of East Asia, 500, 150 and 50 year perspective*. Londres: Routledge, 2003.
- AKAMATSU K., A historical pattern of economic growth in developing countries. *Journal of Developing Economies*, v.1. n.1, p.3-25, 1962.
- BAUMANN, R. Caucasian Wars. In MILLAR, J.R. *Encyclopedia of Russian History*. Londres: MacMillan, 2004.
- BYTHEWAY, S. J. *The Japanese economy and foreign capital, 1858-1939*, Tokyo: Tosui, 2005.
- CAIN, P.J. e HOPKINS, A.G. *British Imperialism: 1688-2000*. Londres: Longman, 2001.
- DE CECCO, M. *Money and Empire, the International Gold Standard, 1890-1914*. Oxford: B. Blackwell, 1974.
- FAIRBANK, J.K e GOLDMAN, M. *China, uma Nova Historia*. São Paulo: L&PM, 2006.
- FREMONT-BARNES, G. *The Anglo-Afghan Wars 1839-1919*. Oxford: Osprey, 2009
- GORDON, A. *A Modern History of Japan: From Tokugawa Times to the Present*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- HUNTER, J. e SUGIYAMA, S. (Eds) *The History of Anglo-Japanese Relations, 1600-2000: Economic and Business Relations*. Londres: Palgrave, 2002.
- JANSEN, M. B. *The Making of Modern Japan*. Cambridge, Mass.: Belknap Press, 2002.
- KOLIOPOULOS, J. E VEREMIS, T. *Modern Greece: a History since 1821*. Oxford: Willey Blackwell, 2010.
- MADDISON, A. *The World Economy*. Paris: OECD, 2006.

METZLER, M. *Lever of Empire, The International Gold Standard and the Crisis of Liberalism in Prewar Japan*. Oakland: University of California Press, 2006.

MENNING, B. Russo-Turkish Wars. In MILLAR, J.R. *Encyclopedia of Russian History*. Londres: MacMillan, 2004.

MOORE, B. *Social Origins of Dictatorship and Democracy. Lord and Peasant in the Making of the Modern World*. Boston: Beacon Press, 1967.

MIYAZAKI, S. O Caráter do Investimento Externo Japonês: a Influência da Modernização e das Relações Internacionais no Período pré Segunda Guerra Mundial. Campinas: *X Encontro Nacional de Economia Política, SEP*, 2005. Disponível em: <<http://www.sep.org.br/artigos>>

MOFFITT, N., Wheeled Transport and the Urbanization of Meiji Japan. *Working Paper*, 2004. Disponível em: <<http://zork.net/~nick/railway.pdf>>

MOJTAHED-ZADEH, P. *Small Players of the Great Game, The Settlement of Iran's Eastern Borderlands and the Creation of Afghanistan*. Londres: Routledge: 2004.

NAYYAR, D. *Catch-up. Developing Countries in the World Economy*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

NISH, I. *The Iwakura Mission in America and Europe, a New Assessment*. Londres: Routledge, 1998.

ROSOVSKY, H. *Capital formation in Japan, 1868-1940*. New York: Free Press, 1961.

SANDROCK, J.E. The Foreign Banks in China, Part I – Early Imperial Issues (1850-1900) *Working Paper*, 2008. Disponível em: <http://www.thecurrencycollector.com/pdfs/Foreign_Banks_in_China_Part-I.pdf>

SANDROCK, J.E. The Foreign Banks in China, Part II – Early Imperial Issues (1900-1911). *Working Paper*, 2008. Disponível em: <http://www.thecurrencycollector.com/pdfs/Foreign_Banks_in_China_Part-II.pdf>

SCHILTZ, M. Money on the Road to Empire: Japan's Adoption of Gold Monometallism, 1873-97. *The Economic History Review*, vol. 65, n. 3, 2012.

SPENCE, J. D. *Em busca da China Moderna*. São Paulo: Cia de Letras, 1995.

SUGIHARA, K. The East Asian path of economic development: a long-term perspective. In ARRIGHI, G., HAMASHITA, T. e SELDEN, M. (Eds) *The Resurgence of East Asia, 500, 150 and 50 year perspective*. Londres: Routledge, 2003.

SUGIHARA, K. *Japan, China, and the Growth of the Asian International Economy, 1850-1949*. Oxford: Oxford University Press, 2005

UCHIDA, H. Short History of the Japanese Technology. Mitaka, Tokio: *The History of Technology Library*, 1995. Disponível em: <<http://www.ied.co.jp/isan/sangyo-isan/uchida.PDF>>

SENISE, M.H.V. Tratado de Nanquim (1842). Magnoli, D. (Org.) *Historia da Paz*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

ZHANG, W. Arrow War (1856-1860). In HODGE, C.C. (Ed.) *Encyclopedia of the Age of Imperialism 1800-1914*. Westport, Connecticut: Greenwood Press, 2008.

WICKMAN, P., *China and the Origins of the Anglo-Japanese Alliance*. Dissertação., Ohio University, College of Arts and Sciences, 2008.

WOLFF, D.; VAN DER OYE, S.; MENNING, B.W. e YOKOTE, S. (Eds.) *The Russo-Japanese war in Global Perspective*. Boston: Brill, 2005.

WONG, J. Y. *Deadly Dreams. Opium, Imperialism, and the Arrow War (1856-1860) in China*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

YAMAMURA, K., Success Illgotten? The Role of Meiji Militarism in Japan's Technological Progress. *The Journal of Economic History*, vol. 37, n. 1, 1977.

